



# The analyst as storyteller El analista como narrador

Editora: Cordelia Schmidt-Hellerau  
 Editora: IPBooks, 2021, 342 p.

Resenhado por: Cláudia Cristina Antonelli,<sup>1</sup> Campinas

Em 2 de outubro de 1872, iniciava-se a viagem em torno do mundo escrita por Jules Verne, concluindo-se em 21 de dezembro daquele mesmo ano. Foram 80 dias defrontando-se com continentes, países, culturas, pessoas. Foi mais ou menos o tempo que levou para a seleção de 30 contos escritos por colegas psicanalistas do mundo todo, publicados nesta compilação – *O analista como contador de histórias*.<sup>2</sup>

Era também 2 de outubro, mas de 2020. Estávamos todos mergulhados na pandemia. Em uma reunião de rotina de nosso comitê<sup>3</sup> (por videochamada), Cordelia Schmidt-Hellerau, nossa *chair*, perguntou-nos: “Quantos contos cada um pode ler?”. Creio que eu havia perdido o início dessa reunião, ou talvez a precedente, em que o número de textos submetidos ao concurso internacional de contos organizado pelo comitê, para a publicação de 30 vencedores, teria sido anunciado. Um pouco ingenuamente, respondi: “Leio uns quatro ou cinco com prazer”. Fez-se um pequeno riso no grupo. “Quantos?”, perguntou nossa *chair* um tanto surpresa, enquanto eu me dava conta de que algo estava errado ali. Apressei-me a emendar: “Bem, não sei... Quantos contos temos ao todo?”.

Tínhamos recebido nada menos que 252 histórias vindas de todos os cantos do mundo, enviadas por membros e candidatos da IPA, em resposta ao convite lançado em junho daquele ano.

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Campinas (SBPCamp).

2 Tradução livre.

3 O Comitê IPA na Cultura (ICC) é um dos vários comitês para assuntos específicos organizados pela Associação Psicanalítica Internacional (IPA). O ICC é formado por um(a) *chair* e seis membros, dois de cada região da IPA. Também há dois consultores que participam de tarefas específicas.

Para essa tarefa, Cordelia dividiu o comitê em dois e convocou os dois consultores para assessorar-nos na leitura. Éramos então 10,<sup>4</sup> e ao todo teríamos cada um a tarefa de ler 126 narrativas anônimas de algumas páginas, em pouco mais de dois meses. A distribuição randômica, feita no próprio escritório central da IPA para que ninguém do comitê tivesse acesso ao nome dos autores ou à sociedade de que provinham, se dava pelo único critério do(s) idioma(s) de leitura de cada membro.

A empreitada ressoou grandiosa. Daríamos conta? Havia eu já lido tantos contos assim em minha vida? Talvez, ou talvez não ainda. Olhei ao redor – até onde isso é possível numa reunião online – para verificar a reação dos colegas. Todos estavam em silêncio; assim também permaneci.

Naquele fim de ano curioso, um tanto bizarro – visto que pandêmico –, surpreendentemente um sentimento bom e diferente surgia. Apesar do desafio proposto, brotava dos meandros da experiência que se iniciava a constatação de que estávamos unidos por aquela instigante tarefa, ainda que em países distintos; interligados pelo desafio de lermos, juntos à distância, breves narrativas escritas por colegas do mundo afora. Um sentimento prazeroso de conexão, afeto e construção despertava em mim.

As velas içadas, navegamos juntos pela literatura de mentes sensíveis, particularmente criativas – dos analistas que nos levaram a velejar os sete mares de nosso planeta.

Passei então a ler nos intervalos que surgiam: lia à mesa de um café, em momentos pandêmicos em que isso era possível; lia à noite, antes de dormir; lia no consultório, enquanto aguardava; lia logo cedo, quando o dia ainda começava.

De um entardecer surpreendentemente quente no inverno francês a uma manhã fria do verão australiano; do temor de um casal apaixonado frente a tapetes persas que poderiam ser falsificados à máquina de tear que atravessara gerações em um lar turco; das aulas de religião na escola sueca a uma turbulenta noite carioca; de um “discreto assassinato” em Nápoles aos limoeiros de Los Angeles; de uma narrativa israelense combinando história, herança e imigração à mente e afetos de um gato argentino; dos pensionistas, de acordo com o título do colega canadense, a um conto hindu na cidade de Bengala (de onde os conhecidos tigres); da dura jornada de uma lavadeira carioca a cartas de amor genovesas (por fim queimadas em uma frigideira), ou ainda à “mulher do segundo andar” – conforme lerão nos contos selecionados para a publicação.

4 Andrea Sabbadini (Inglaterra), Aranye Fradenburg Joy (Estados Unidos), Barbara Stimmel (Estados Unidos), Cláudia Antonelli (Brasil), Daniel Delouya (Brasil), Gabriela Goldstein (Argentina), Johanna Velt (França), Paola Golinelli (Itália), Rotraut De Clerck (Alemanha) e Stanislav Maticic (Croácia).

Mas a viagem tinha se iniciado antes. Haviam nos enviado seus textos colegas italianos, russos, alemães, norte-americanos, sul-americanos, croatas, da ilha de Chipre, da Grécia, de Israel, do Líbano, da Lituânia, de Taiwan, da Oceania e da Coreia do Sul.

O estilo de cada um era sempre próprio e por isso único. Por vezes, no entanto, temas em comum se faziam presentes mais de uma vez, como as ditaduras na América Latina e as grandes guerras na Europa, histórias que possivelmente jamais serão contadas o suficiente. É inevitável, é a história humana de todos, que também é narrada de maneira individual.

Apesar disso, cada narrativa era absolutamente particular. Eu percebia, por exemplo, sutis diferenças entre culturas, uma espécie de atmosfera veiculada pela escrita, como na de países hindus e orientais, em contraste com uma aparente maior objetividade em algumas escritas ocidentais; ou um quê de escrita agradavelmente prosaica nas latinas. Ao mesmo tempo, esses e outros aspectos às vezes se entrecruzavam, de leste a oeste e de norte a sul na rosa dos ventos desses registros, o que acredito que o leitor também perceberá na privilegiada experiência intercultural desta obra, que traz ainda em seu cerne a marca dos afetos em sua vasta e minuciosa gama – a matéria-prima do psicanalista.

Independentemente da origem de cada um, pode-se perceber ainda de forma unânime a riqueza pessoal e cultural de nossos colegas contadores de histórias. Isso se revela nos que foram selecionados para a publicação. Nela, lemos em breves biografias suas múltiplas e complementares formações, origens e experiências.

Ao final, numa difícil escolha feita por pontuação – uma vez que muitas histórias de fato se igualavam em beleza e criatividade –, havíamos selecionado 30 vencedores, cujos contos seriam publicados como prêmio do concurso. Cada um deles foi mantido em seu original e traduzido para o inglês e para o espanhol, quando esses não eram o idioma original (dessa forma, tornando a leitura bastante acessível à comunidade psicanalítica). Entre os selecionados, psicanalistas brasileiros estavam representados por seis membros de nossas federadas.<sup>5</sup>

Cordelia absteve-se da execução da pontuação por decisão ética e, creio, para melhor conduzir o navio. Ela tinha a bússola, e nós, um norte claro a atingir. Em seu prólogo – cuja leitura recomendo – ela conta o seguinte (ninguém melhor que a capitã para contar a viagem):

Escrever ficção é uma forma criativa de explorar a mente atribuindo palavras a imagens passageiras, sentimentos ou pensamentos de sonhos acordados, articulando-os numa história que pode ser contada. Algo semelhante entremeia nossas sessões analíticas. ... Talvez seja por isso que muitos analistas são atraídos pela

5 Carolina Scoz, Roberto Santoro Almeida, Sonia Eva Tucherman, Clarice Kowacs, Vera Lamanno-Adamo e Rafael P. Tinelli (cf. a ordem do sumário).

escrita de ficção. Fomenta a sua capacidade de mergulhar em experiências ainda inarticuladas, algumas das quais podem parecer de menor importância, mas já carregam o cerne da questão em jogo. ... Espero que se inspire na leitura destas histórias e talvez escreva algumas próprias. Porque era disto que se tratava neste concurso: encorajá-los a fazer uso da sua criatividade na leitura e na escrita de ficção, e aproveitar o poder e a riqueza de narrar histórias. (pp. IX-XI)

Foi essa a intenção de nossa *chair*, que sonhou esse projeto e, de forma resoluta e afetiva, coordenou-nos para a execução desse sonho/viagem, que se tornou de todos nós – e que, em dezembro daquele ano, quase infelizmente, chegou ao fim.

O protagonista do livro de Jules Verne, Phileas Fogg, além de muitas libras esterlinas, em sua volta ao mundo precisou de trens, elefantes, barcos a vapor e até mesmo um trenó a vela, como descreve o grande escritor. A ficção de Verne ilustra uma viagem bela e repleta de aventuras.

Mas talvez o protagonista nos invejasse um pouco. Nós, do comitê, precisamos somente sentar-nos confortavelmente e, com abertura e paixão – e algum tempo –, escutar a escrita de nossos caros colegas deste vasto e precioso mundo, através de seus primorosos contos.

Cláudia Cristina Antonelli  
claudia.antonelli@gmail.com